

Futebol-arte e Mestiçagem: Identidades e Representações do “Estilo Nacional”¹

Filipe Fernandes Ribeiro MOSTARO²

Ronaldo George HELAL³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar a fundamentação teórica da dissertação de Mestrado de Filipe Mostaro, orientada por Ronaldo Helal, que visa investigar como foi o tratamento dado pela imprensa nacional ao chamado “futebol-arte” quando tal estilo vence e quando perde. Dessa forma, indicaremos como o futebol e nosso “estilo nacional” se tornou um dos pilares da construção de uma identidade nacional nos anos 1930 e um elemento de representação social agudo do que significa “ser brasileiro”. Vamos entrelaçar algumas teorias que dialogam com a questão que norteia este trabalho: o futebol-arte é tratado como algo tipicamente nacional pela imprensa e ao praticá-lo exerceríamos nossa brasilidade.

Palavras-chave: identidade; representação; futebol-arte; mestiçagem; imprensa.

Identidades nacionais e representações sociais

“Somos o país do futebol”. Esta afirmação é constantemente reproduzida pelos meios de comunicação e se tornou, ao longo dos anos, uma marca indelével de nossa cultura⁴. Nosso suposto estilo de jogo foi construído em densas narrativas e cercado de disputas ideológicas de diferentes correntes sociais nos anos 1920 e 1930 que travavam um debate para definir uma nova ideologia e o que viria a ser a identidade nacional. Neste artigo, apresentaremos algumas teorias que norteiam nossa pesquisa, dentre elas, estão as ideias de Gilberto Freyre acerca do que vem a ser a identidade nacional. Em relação ao

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais, GP Comunicação e Esporte do XIV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Jornalismo Esportivo e Negócios do Esporte pela FACHA-IGEC (2012). Membro do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura”, cadastrado no CNPq, e pesquisador associado ao Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: filipemostaro@hotmail.com.

³ Professor do Programa de Pós Graduação em Comunicação e da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; pesquisador do CNPq; coordenador do grupo de pesquisa “Esporte e Cultura” e do Laboratório de Estudos em Mídia e Esporte (LEME/Uerj). Email: rhelal@globo.com. Endereço Eletrônico: www.comunicacaoeesporte.com

⁴ Apesar de que Helal vem mostrando que a força deste epíteto vem declinando nas últimas décadas. Ver Helal (2014 e 2010)

conceito de representação social, utilizaremos como ponto de partida o pensamento de Serge Moscovici.

A fim de ilustrar nossas argumentações, apontaremos alguns momentos em que se pensou um novo Brasil. Segundo Octavio Ianni (1990, p.19) foram três: durante a nossa Independência em 1822; na proclamação da República, em 1889 (e os eventos que a precederam, como a abolição da escravatura); e nos anos 1930 com a chegada de Getúlio Vargas ao poder⁵.

A semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista, a criação da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino e do Partido Comunista Brasileiro, todos em 1922, indicavam um novo arranjo político, social e cultural que começava a ganhar força no Brasil. No campo econômico, a industrialização crescente mudava o cenário das cidades, ao passo que a produção de café, ainda nosso principal produto de exportação, perderia, dentro de alguns anos, seu poder hegemônico. Mesmo assim, a chamada “modernidade” não atingia a todos. O sistema político dominante ainda privilegiava os donos de terras de São Paulo e Minas Gerais, que se revezavam no poder do governo federal. O momento era de uma iminente ruptura com antigas ideologias e correntes políticas. Mesmo que tardiamente o Brasil começava a promover uma industrialização e o crescimento da população das cidades instigavam novas acomodações sociais.

É possível comparar, com algumas ressalvas, este contexto histórico e cultural vivido no Brasil nos anos 1920 e 1930 com a transição das sociedades feudais pré-modernas da Europa para as sociedades modernas. Conforme nos aponta Serge Moscovici (2012), a Igreja e o Estado que antes legitimavam e regulavam normas e padrões através do seu poder e das crenças, entraram em declínio com o surgimento das cidades e da burguesia industrial. Na Modernidade ocorre um aumento do número de pessoas alfabetizadas e com acesso à leitura de jornais e livros, promovendo novos processos de circulação de ideias que, conseqüentemente, levou novos grupos sociais a se posicionarem e difundirem suas ideologias. Com este novo panorama mais heterogêneo da sociedade, eram necessárias novas formas de se legitimar o poder e difundir discursos formadores dessas novas classes sociais. É neste ponto que, segundo Moscovici (cf.2012), as representações sociais ganham força. Elas surgem para suprir esta necessidade de legitimar novas ideologias, deixando de

⁵ Apesar do autor não mencionar a Semana de Arte Moderna de 1922 como um momento em que se pensou um novo Brasil, indicamos este evento como importante embrião do pensamento que acabou florescendo durante o Estado Novo, nos anos 1930.

lado, por exemplo, a interferência “divina” do rei, e dando espaço a uma dinâmica social mais complexa. O pesquisador nos sugere que as representações sociais foram criadas com intuito de tornar familiar o que não é familiar. Assim, ao acontecer uma forte ruptura com uma antiga ideologia, é necessário que o novo pensamento se torne familiar à sociedade e que se torne um “senso comum⁶”.

Para matizar o debate é importante trazer as observações pontuais de Muniz Sodré. Em *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento* (2009), Sodré afirma que na “modernidade, a ilusão mística dá lugar à ilusão metafísica, que Karl Marx viria chamar de *ideologia*” (p.9, grifos do autor), desse modo a ideologia vai significar, neste contexto, a luta discursiva para definir quem domina. (cf. SODRÉ, 2009)

É importante salientar que ao se pensar uma nação, trava-se uma disputa ideológica entre diversas correntes sociais, cada uma com sua ideologia. No Brasil não foi diferente. As oligarquias perderiam seu poder com a Revolução de 1930, liderada por Getúlio Dornelles Vargas que chegou ao governo em 3 de outubro do referido ano. Com o apoio de vários setores da sociedade que pretendiam estabelecer uma nova visão do país, o governo Vargas encontrou uma conjuntura política e social, onde se fazia necessário construir um novo pensamento do que vinha a ser brasileiro e, além disso, acomodar diferentes grupos sociais neste novo panorama.

Era preciso edificar uma identidade nacional que abarcasse diferentes pensamentos em um único, formando uma identidade legítima do que viria a ser o nacional. Seguindo o pensamento de Moscovici: era necessário tornarem-se familiares todas essas transformações que eclodiam no país. Entretanto, a tarefa não era simples. Um dos pontos de maior antagonismo de ideias era a questão racial. As reminiscências do escravismo proporcionavam distinções agudas entre as classes sociais e raças no Brasil. Neste último quesito, se observava, após anos de insensibilidade ao ignorar a contribuição dos escravos em nossa cultura, a presença das três raças: branco, índio e negro, como formadoras da sociedade brasileira. Tal questão dividia opiniões entre a mestiçagem, onde Nina Rodrigues, Silvio Romero e Euclides da Cunha acreditavam que o “embranquecimento” de nossa população seria nossa salvação para o “atraso” (ORTIZ, 2012), enquanto Gilberto

⁶ A ideia de senso comum será entendida neste trabalho de acordo com a seguinte definição de Sodré (2009,p.45): “senso comum é um nome para o conhecimento daquilo que os gregos chamavam de *doxa*, isto é uma experiência da realidade limitada à sensibilidade, às notas acidentais contingentes e variáveis, às representações sociais que reduzem a complexidade factual a imagens de fácil trânsito comunicacional – traduzidas em opinião.” Além disso, o senso comum atua como “estabilizador da consciência e mobilizador do pertencimento à comunidade.” (SODRÉ, 2009,p.45)

Freyre acreditava na mestiçagem como nossa qualidade diferencial entre os outros povos. Sobre este embate entre diferentes ideologias, destacamos a argumentação de Ortiz:

Na verdade, a luta pela definição do que seria uma identidade autêntica é uma forma de se delimitar as fronteiras de uma política que procura se impor como legítima. Colocar a problemática dessa forma é, portanto, dizer que existe uma história da identidade e da cultura brasileira que corresponde aos interesses dos diferentes grupos sociais na sua relação com o Estado. (ORTIZ, 2012, p. 9)

Ao lado de toda esta querela da construção de uma identidade nacional, uma manifestação social importante crescia de forma intensa no país. O futebol rapidamente se tornou popular, desbancando o remo como esporte preferido da população. Ao mesmo tempo em que as fábricas se espalhavam nas cidades, o esporte trazido pelos britânicos, ganhava mais praticantes.

Em 1919, com a realização do Torneio Sul-Americano de Futebol no Brasil, o esporte afirma seu caráter popular e, conforme afirma Sarmiento (2013), serviu para reafirmar a condição do futebol como “meio de expressão das construções imaginárias acerca da identidade nacional” (p.32). Após o sucesso da competição, tanto no âmbito esportivo (o Brasil sagrou-se campeão), quanto no organizacional, artistas, políticos e intelectuais como o escritor Coelho Neto demonstraram-se favoráveis à propagação da prática esportiva como elemento de ascensão social e de uma construção da identidade nacional. (cf. Sarmiento, 2013). Nicolau Sevcenko (1994) aponta esta competição como a “descoberta de uma vocação” do gosto popular por este esporte. Assim, o torneio serviu para a fomentação de um momento em que um esporte originário e difundido pelas elites nacionais, se tornava popular, com grande apelo frente ao público e demonstrava que tal processo era irreversível.

Mesmo com a popularização do esporte, outros embates ainda permaneciam no meio futebolístico. A questão racial e a adoção ou não do profissionalismo seriam os alvos das futuras disputas que se estenderiam nas décadas de 1920 e 1930.

Com a popularidade, a prática do futebol saiu das elites e se espalhou pelos subúrbios e pelas classes sociais menos favorecidas no país. Ganhando cada vez mais destaque nos jornais, as equipes de futebol passaram a incorporar jogadores que não pertenciam às elites em seus plantéis⁷. A questão do profissionalismo surge imediatamente como uma chance de ascensão social para os jogadores. As fotos dos atletas nos jornais

⁷ O primeiro clube a aceitar negros em sua equipe foi o Bangu em 1906, entretanto o Vasco da Gama foi um dos pioneiros a conquistar vitórias expressivas com jogadores negros. O mesmo Vasco foi também acusado de promover o “amadorismo marrom”, prática em que os bons jogadores eram empregados por sócios ou torcedores do clube em seus estabelecimentos comerciais e eram “liberados” para treinarem a qualquer momento.

nacionais despertavam a ambição de jovens oriundos das classes menos favorecidas a adquirirem um status social que sem o futebol nunca sonhariam. No início da década de 1930, dois jovens jogadores simbolizaram todo este processo: Leônidas da Silva e Domingos da Guia.

Os dois principais jogadores da época ganharam fama nacional e demonstraram, através do futebol, que o negro adquiria uma importância nunca antes vista no país⁸. Mesmo assim, os debates em torno da questão racial e do profissionalismo no futebol não se aproximavam de uma unificação do discurso. A maior prova disto foi a participação da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo de 1934, onde apenas jogadores amadores foram convocados. É interessante observar que cinco jogadores, entre eles Leônidas, receberam para defender o Brasil na competição e se desligaram de seus clubes onde eram profissionais para se tornarem “amadores”. Entre 1930 e 1932, o Brasil perdeu grande parte de seus principais jogadores para a Itália, Espanha, Uruguai e Argentina. Muitos deles excursionavam por estes países com os clubes e não voltavam mais, fazendo com que a seleção brasileira também perdesse esses craques, já que eles não eram obrigados a defender a seleção, que pregava o amadorismo. Do fracasso da participação brasileira (derrotada e eliminada no primeiro jogo por 3 a 1 para a Espanha) emergiu a definição sobre o profissionalismo em nosso esporte.

Em meio a esta disputa no futebol, Vargas tentava agregar o discurso e definir esta colcha de retalhos em que estava sendo construída a identidade nacional. Era necessário romper com a “cópia” da metrópole, assim, elementos que atuavam como diferenciadores de nossa cultura e estabeleceriam uma distinção frente a outros povos passaram a ganhar força. O futebol, como elemento popular e de profunda mobilização social, aparece com um dos pilares desta construção. Sua principal contribuição será para a questão racial no país, como elucidaremos a seguir.

A questão das diferentes etnias presentes no Brasil se torna o grande desafio dos pensadores que pretendiam unificar a nação. Como, para alguns, era possível agrupar em uma mesma identidade negros e brancos? Encontrar o ponto de equilíbrio se torna imprescindível. Foi necessário, como aponta Ortiz (2012): “sublinhar o elemento mestiço” (p.20). Assim, na busca dos intelectuais da época para compreenderem e apresentarem a condição comum a todos os brasileiros, a mestiçagem se torna determinante.

⁸ Em 1933 ocorre a profissionalização do futebol no Rio de Janeiro e em São Paulo, contudo alguns clubes permaneceram no amadorismo. A fusão entre os clubes amadores e profissionais só acontece em 1937.

Segundo Ianni (1990), foram durante esses anos que se formularam as principais interpretações do Brasil Moderno. Livros fundamentais para o pensamento social brasileiro foram publicados na década de 1930. Dentre tais livros destacamos *Casa Grande e Senzala* de Gilberto Freyre, lançado em 1933, que se coaduna com os pensamentos de que a mestiçagem era o exemplo do “antagonismo em equilíbrio” presente no Brasil, surgindo a ideia de “democracia racial”⁹. O livro vem para confrontar as ideias de que a causa da inviabilidade do desenvolvimento nacional era a questão racial. A valorização da formação híbrida da sociedade brasileira se apresenta de forma pertinente no contexto da época e ilustra o rompimento com as teorias designadas como racistas. Em 1922, Gilberto Freyre foi estudar nos EUA, onde foi aluno de Franz Boas na Universidade de Columbia. A visão de Boas ao diferenciar raça de cultura contribuiu para as argumentações de Freyre¹⁰.

O livro vai redefinir a mestiçagem no Brasil e se tornar um ingrediente decisivo que faltava na busca pela definição da identidade nacional. No artigo *Chuvas de Verão “Antagonismos em equilíbrio” em Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre*, Ricardo Benzaquen de Araújo (2009) indica que Freyre define os próprios portugueses como mestiços, por conta da formação étnica ao longo dos anos no país, afinal, Portugal era uma rota comercial mundial importante, tendo a presença de árabes, judeus e romanos em seu território. Para Freyre, a sociedade brasileira vai ser formada por um “antagonismo em equilíbrio”, destacando-se o “erotismo patriarcal” que vai influenciar no convívio harmônico entre as diferenças. (cf. Araújo, 2009)

Já para Ortiz, a obra “possui uma qualidade fundamental: ele (Freyre) une a todos, casa grande e senzala, sobrados e mucambos. Por isso, ele é saudado por todas as correntes políticas, da direita à esquerda. O livro possibilita a afirmação inequívoca de um povo que se debatia ainda com as ambiguidades de sua própria definição” (2012, p.42) O processo de desenvolvimento social e econômico no país não sustentava mais a exclusão de raças do processo identitário do que viria a ser brasileiro. Uma das “provas” eram os jogadores negros que “defendiam” a nação em campos estrangeiros. Expressões culturais oriundas da população negra, como o samba, por exemplo, passam a ser definidas como nacionais. As rupturas com o pensamento anterior ao governo de Vargas se tornam cada vez mais intensas. Como definiu Ortiz: “a construção de uma identidade nacional mestiça deixa ainda mais difícil o discernimento entre as fronteiras de cor” (p.43). Souza (2008) aponta a

⁹ Outra importante obra é *Raízes do Brasil* de Sérgio Buarque de Holanda, lançado em 1936, onde o autor expõem as tensões presentes no processo de modernização no Brasil, principalmente ao sugerir a ideia de “homem cordial”.

¹⁰ O Antropólogo Franz Boas atuou na contramão do pensamento evolucionista. Conhecido com o pai da Antropologia contemporânea, Boas foi pioneiro nas ideias de igualdade racial.

importância da obra de Freyre no contexto histórico e político da época:

Os trabalhos de Gilberto Freyre possibilitaram uma visão original dos fundamentos do povo brasileiro. Neles, o negro, o índio e o colonizador português sempre tiveram fundamental importância numa sociedade ajustada às condições do meio tropical e da economia latifundiária. A sua mensagem, de um Brasil anti-racista e democrático, representou um divisor de águas no processo cultural brasileiro, influenciando a ideologia oficial do Estado Novo ao compor a figura da democracia racial (SOUZA, 2008, p.187).

Neste ponto, é importante retomar o pensamento de Moscovici, principalmente ao indicar que o caráter das representações sociais é geralmente revelado em tempos de crise ou insurreição, quando um grupo e suas imagens estão passando por mudanças. (Cf. Moscovici, 2012). As representações sociais constroem um mundo, são meios de re-criar uma realidade. Elas nascem dentro de disputas ideológicas onde o vencedor buscará tornar a sua ideologia um senso comum entre esta sociedade e também a quem não pertence a ela, como forma de identificar e reconhecer o outro e legitimar seu discurso. Os indivíduos são levados a tentar entender um mundo não familiar que começa a surgir. A sociedade brasileira passava exatamente por esta ruptura na década de 1930.

Tais argumentações nos remetem ao termo “tradições inventadas” de Eric Hobsbawm (2012, p.9). Para Hobsbawm, supostas tradições teriam sido inventadas no contexto da Revolução Industrial com o objetivo de manter a identidade social de grupos que encontravam uma ruptura severa com antigos costumes que antes costuravam as identidades sociais. A introdução de novas práticas ritualísticas, inspirada, algumas vezes, em um passado histórico e em mitos de fundação do grupo em questão, foram institucionalizadas para a ressignificação das antigas identidades.

Assim partiremos da ideia de que é possível encontrar um diálogo entre as definições de “tradições inventadas” e “representações sociais”, ambas atuando como costuras da construção de uma ideologia dominante no país naquela época, estabelecendo-se, assim, uma identidade nacional.

Após intensas disputas, a ideologia do governo, focada na presença positiva das três raças como formadoras de nossa sociedade, foi construída de forma destacada e com iminente triunfo sobre as demais teorias. Entretanto faltava cristalizar essa imagem abstrata da mestiçagem. O futebol termina por concretizar este pensamento.

Getúlio já havia percebido o poder mobilizador do futebol em 1932, quando após a conquista da Copa Rio Branco em 1932, os jogadores que venceram o Uruguai por 2 a 1, em Montevideo, foram recebidos como heróis na Capital Federal, sendo saudados pelo

presidente no balcão do Palácio do Catete. Assim, a construção da ideologia do trabalho promovida pelo governo Vargas logo ia atuar no esporte mais popular do Brasil. O momento político e cultural do Brasil instigava o trabalhador assalariado: “As leis trabalhistas são de harmonia social” – como afirmava o próprio Getúlio. Tanto que, em 1º de maio de 1938, o presidente anunciou a lei do salário mínimo (no estádio de São Januário), trazendo o povo cada vez mais para seu lado. “O trabalho é o maior fator de elevação da dignidade humana. Ninguém pode viver sem trabalhar e o operário não pode viver ganhando apenas o indispensável para não morrer de fome! (Muito bem! Aplausos prolongados)” (A NOITE SPORTIVA, 1938, p.5). As leis trabalhistas vêm para legitimar esse pensamento que claramente, como indica Ortiz, substitui as “qualidades” de preguiça e indolência, referenciadas à raça mestiça. Portanto, numa atitude que visava controlar, disciplinar e sindicalizar os jogadores para o que já se enxergava como grande manifestação popular da época passou-se a ter jogadores profissionais, culminando com a criação em 1941 do Conselho Nacional do Desporto. O trabalho *Brasil: futebol e identidade nacional* de Luiz Carlos Ribeiro indica a influência da mestiçagem na consolidação do profissionalismo no futebol:

Apesar da resistência de alguns segmentos mais conservadores, o crescimento da ideologia da construção de uma identidade de povo e de nação, fundada no imaginário do mulato, colabora para a profissionalização. A influência negra e indígena, que no início do século era considerada a negação na identidade Brasil, é agora vista como o fundamento de uma ideologia nacional, a brasilidade. Aliás, uma cultura política que não ficou restrita ao período Vargas (1930 a 1945), mas que perpetrou também a fase nacional-populista subsequente. (RIBEIRO, 2003, s/p)

A solidificação do discurso governista atinge seu ápice com a implantação do Estado Novo em 1937. Através do futebol, Getúlio vai tentar unificar o país e a disputa da Copa do Mundo de 1938 surge como uma oportunidade apropriada para tal. Conforme Sarmiento (2013) bem definiu, a força com que o esporte se tornou uma expressão importante das massas urbanas, mobilizando-as de forma considerável, foi “encampado” como um elemento decisivo e eficaz na propaganda do discurso do governo. Assim a legitimidade de uma identidade nacional teve no futebol um valioso estímulo de ligação do que viria a ser o nacional. O governo assumiu o controle da CBD com a presença de Luís Aranha, irmão do ministro Oswaldo Aranha. Assim, Vargas reduziu as disputas políticas internas na administração da seleção e foi a primeira vez que se formou uma seleção do país com os melhores atletas, reforçando a ideia de que finalmente o Brasil seria representado, sem restrições sobre amadores e profissionais, como foi em 1934, ou paulistas e cariocas

como em 1930. “não há dúvida porém, que só agora, o Brasil mandou ao certame mundial a seleção que reflete a verdadeira expressão do seu football.” (A NOITE SPORTIVA, 1938, p.7). Vargas indicou sua filha Alzira Vargas como madrinha da seleção e acreditava que “quando perde a seleção, perde o país.” Tal frase¹¹ nos remete, mais uma vez, ao inglês HOBBSAWM ao afirmar que “o esporte é um meio privilegiado de difusão e reforço de sentimentos nacionalistas, uma vez que permite a identificação fácil, rápida e imediata entre os atletas representantes da nação e seus torcedores” (Hobsbawn Apud Franzini, 2003, p.17).

O êxito nas primeiras partidas recheava os jornais brasileiros de patriotismo e pela primeira vez o país parava para acompanhar a Copa do Mundo. Getúlio acreditava que o time sairia campeão dessa Copa e que isso seria fundamental para concretizar sua política de nacionalização. Vargas apostava em craques como Domingos da Guia e Leônidas da Silva para voltar da França com a taça.

Da madrinha da seleção Alzira Vargas, passando pelo embaixador brasileiro na França, por todas autoridades públicas que doaram dinheiro para a delegação, além dos empresários, das atividades econômicas privadas, nacionais ou estrangeiras, chegando ao mais simples torcedor. A nação, unida, mostrava-se de prontidão, atenta para enfrentar os inimigos que viessem pela frente; a unidade nacional construída a partir do futebol, revelava a força do Brasil, que manifestava-se apontando a total falta de temor diante de inimigos tão fortes. (NEGREIROS, 1998, s/p)

No dia 17 de junho de 1938, Gilberto Freyre publica em sua coluna no jornal *Diários Associados* de Pernambuco, um texto que se torna emblemático na construção da mestiçagem ao nosso futebol e, conseqüentemente à nossa suposta brasilidade e estilo de jogar futebol. Intitulado *Football Mulato*, Freyre diz que o sucesso de nossa equipe está justamente na mistura étnica presente nos jogadores convocados. Além disso, Freyre estabelece uma distinção do nosso estilo de jogo com os dos europeus.

...uma das condições de nosso triunfo, este ano, me parecia a coragem, que afinal tivéramos completa, de mandar à Europa um time fortemente afro-brasileiro. Brancos, alguns, é certo; mas grande número, pretalhões bem brasileiros e mulatos ainda mais brasileiros. [...] O nosso estilo de jogar futebol me parece contrastar com o dos europeus por um conjunto de qualidades de surpresa, de manha, de astúcia, de ligeireza e ao mesmo tempo de espontaneidade individual em que se exprime o mesmo mulatismo de Nilo Peçanha que foi até hoje a melhor afirmação na arte política. Os nossos passes, os nossos pitu's, os nossos despistamentos, os nossos floreios com a bola, o alguma coisa de dança ou capoeiragem que marca o estilo brasileiro de jogar futebol, que arredonda e adoça o jogo inventado pelos ingleses e por eles e por outros europeus jogado tão angulosamente, tudo isso parece exprimir de modo interessantíssimo para psicólogos e sociólogos o

¹¹ Indicamos a frase como um embrião da expressão definida pelo dramaturgo e jornalista Nelson Rodrigues: Pátria de Chuteiras.

mulatismo flamboyant e ao mesmo tempo malandro que está hoje em tudo que é afirmação verdadeira do Brasil (Freyre, 1938, s/p).

Se faltava um exemplo que atingisse a população de maneira simples e direta para definir a mestiçagem como algo nacional, o sucesso na Copa de 1938 da equipe (apesar do terceiro lugar), a intensidade com que os brasileiros acompanharam a competição e o texto de Freyre amalgamaram este pensamento de forma decisiva.

Marcos Guterman, em seu livro *O futebol explica o Brasil (2009)*, também indica que a Copa do Mundo de 1938 é um marco para o futebol como identidade nacional, uma espécie de mito de origem do suposto estilo:

O ano de 1938 é assim o marco histórico, se precisamos de um, da descoberta do Brasil como o “país do futebol”, unido de modo nacional à noção de brasilidade emanada de sua seleção em campos estrangeiros, jogando com características próprias e que, com o tempo, se tornariam indissociáveis da própria definição que o brasileiro faria de si mesmo. (GUTERMAN, 2009, p.84)

O Brasil terminou na terceira colocação e Leônidas, artilheiro da competição com oito gols, foi exaltado pelos jornais europeus como o “diamante negro” e o “homem borracha”. Pereira e Lovisolo (2014, p.44) afirmam no artigo *1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro* que Leônidas “ganhou notoriedade mundial durante a Copa da França por causa de seu poder de improvisação, que passaria a caracterizar o futebol brasileiro”. Os jornais franceses abordaram da seguinte forma o estilo de jogo de nossos atletas: “os brasileiros são perfeitos artistas com a bola nos pés. Dribles não são segredos para eles. Seus movimentos são ágeis e sua sutileza é notável. Um time formidável” (Almanaque das Copas: de 1930 a 2006. Lance Publicações, 2010, p.33).

Ao seguir as definições de Stuart Hall sobre a construção de identidades na Modernidade, partiremos da ideia que a identidade também se forma na visão dos outros. Tal argumentação indica que através da opinião não só dos jornais franceses, mas dos europeus, forma-se um estereótipo do nosso estilo de jogo agregado ao que seria definido e classificado como tipicamente nacional. Ainda com base no pensamento de Hall, é importante ressaltar que estabelecer a fronteira entre “nós” e “eles” foi fundamental na formação dos estados nacionais latino-americanos¹². Dessa forma, o futebol seria um

¹² Helal e Cabo (2014), também nos apontam que nossos países vizinhos trilharam um caminho recheado de semelhanças e congruências com a nossa edificação de uma identidade nacional através do futebol. Percebe-se que a construção do futebol como identidade nacional, principalmente para designar uma diferenciação ao modelo europeu é visto tanto no Brasil, como em nossos países vizinhos Argentina e Uruguai. Dessa forma, o estilo de jogo sul-americano confrontaria o estilo europeu de jogo.

terreno fértil para a produção de significados, símbolos e representações do que é “ser brasileiro”.

No artigo *A Imprensa e a memória do futebol brasileiro* (2007), os autores Soares, Bartholo e Salvador, indicam que ao se produzir sentidos sobre o brasileiro, o futebol teve um papel chave ao construir estereótipos relacionados ao jogo que ultrapassavam a esfera esportiva e marcavam a sociedade brasileira. Os autores ainda sugerem o artigo *Football Mulato* de Freyre como o “embrião” do futebol-arte, principalmente ao apresentar as características que vão defini-lo como tipicamente nacional.

No futebol brasileiro, a idealização do estilo de jogo do futebol-arte, representação que permanece muito forte até os dias atuais quando se refere à seleção brasileira, tem seu embrião em um artigo do intelectual Gilberto Freyre, escrito para o Jornal o Diário Associados de Pernambuco durante a Copa do Mundo de 1938 na França. “Foot-ball mulato” atribui características dionisíacas ao estilo de jogo brasileiro que estariam diretamente relacionadas aos elementos culturais de um povo miscigenado. Criatividade, espontaneidade, malemolência seriam atributos do futebol brasileiro, oriundos da mistura das raças que formariam a Nação. (SOARES, BARTHOLO e SALVADOR, 2007, p.5)

Para Soares e Lovisolo (2003) a imagem do que se determinou chamar de “estilo brasileiro de futebol” são da alegria, do improviso, dos dribles, das firulas e serviu para construção dos sentimentos de pertencimento a uma nação miscigenada. Dessa forma, a miscigenação se tornaria elemento principal de nossa singularidade e o futebol passaria a ser visto como sintetizador de nossa cultura.

Ao falar sobre o estilo de jogo brasileiro na Copa de 1938 e a visão de Freyre, Bernardo Buarque de Hollanda indica que “ao moldar o esporte bretão ao jeito típico de jogar do mulato, o brasileiro privilegiou a qualidade individual em detrimento da organização coletiva. A diferença baseada na habilidade e na surpresa seria a chave decifradora do sucesso brasileiro em partidas internacionais.” (2004, p.62) Hollanda ainda nos indica que nas notas do livro *Sociologia* (1943), Freyre contrapõe o futebol-arte brasileiro ao futebol científico europeu. Já Lovisolo e Soares (2003, p.130) argumentam que a repetição dessas narrativas vão refletir o desejo histórico de afirmação de uma identidade nacional marcadas por tensões entre os ideais civilizatórios e da afirmação da autenticidade cultural.

O futebol-arte vai ser defendido como algo tipicamente nacional, em contraste ao modelo europeu, denominado futebol força. Fatores como samba, ginga e jogo de cintura¹³,

¹³ O termo ginga e jogo de cintura são de difícil definição, este fato torna tais adjetivos subjetivos, podendo ser anexado a uma gama maior de atividades, movimentos e exemplos.

serão incorporados ao estilo de jogo, tornando-se cada vez mais, uma tradição nacional. Não jogar o futebol-arte, seria negar a nossa brasilidade.

Após delinear e apresentarmos observações de autores sobre o estilo de jogo nacional durante a Copa de 1938, partimos do pressuposto de que o código para nomear e classificar, sem ambiguidades, o que se tornaria a representação do futebol brasileiro começa a se arraigar durante esta competição. A ideia do *football mulato* de Freyre, vai também receber a alcunha de futebol-arte, que ficou amplamente ligado à maneira de jogar do brasileiro. Ao classificarmos e darmos nomes, temos como objetivo “facilitar as interpretações de características, a compreensão de intenções e motivos subjacentes às ações das pessoas, na realidade, formar opiniões.” (Moscovici, 2012, p.70). Dessa forma, a classificação pressupõe uma posição definitiva, baseada no consenso de que aquele nome vai definir tal objeto. Mais do que isso, ao darmos nome a algo, o tornamos familiar. Ao seguir esta linha de pensamento, se torna compreensível a definição e a classificação do estilo de futebol nacional baseado em características raciais, principalmente na mestiçagem, afinal “ao nomear algo, nós o libertamos de um anonimato perturbador, para dotá-lo de uma genealogia e para incluí-lo em um complexo de palavras específicas, para localizá-lo, de fato, na matriz de identidade de nossa cultura” (Moscovici, 2012, p. 66). No nosso caso, o estilo de jogo terá uma classificação que se tornou comum na sociedade até se transformar em um consenso, por, principalmente, englobar os aspectos pertinentes ao contexto histórico da época, conforme apresentamos.

Outro ponto definido por Moscovici (2003) e importante nesta pesquisa, é que ao se estabelecer um senso comum, ou seja, generalizar algum fato, diminui-se claras distâncias entre os opostos. Ao definirmos o futebol brasileiro como arte, encurta-se a enorme distância entre os grandes jogadores para os medianos e até os medíocres. Ao se homogeneizar, estendemos uma característica a todos pertencentes ao grupo. A seleção brasileira será sempre exemplo do futebol-arte? Sabemos que não, porém, tal senso comum se torna tão enraizado, que encontramos nas narrativas um dever quase cívico de exercermos nosso suposto estilo diferenciado de praticar o futebol.

Entretanto, é peremptório entender que tal produção do senso comum é algo habitual na sociedade. Conforme argumenta Moscovici (2003, p.48): “existe uma necessidade continua de se re-construir o “senso comum” ou a forma de compreensão que cria o substrato das imagens e sentidos, sem a qual nenhuma coletividade pode operar.”. Assim, os paradigmas e consensos sociais se tornam pontos em que a sociedade se sente

“em casa”, reconhece o discurso como algo familiar e já classificado, portanto entendido, salvo de qualquer risco ou conflito. Indo mais além: “tudo que é dito ou feito ali, apenas confirma as crenças e as interpretações adquiridas, corrobora, mais do que contradiz, a tradição. Espera-se que sempre aconteçam, sempre de novo, as mesmas situações, gestos, ideias” (MOSCOVICI, 2012, p.54-55) Sugerimos, baseado nesses argumentos, o desejo intenso da seleção nacional sempre praticar o estilo de jogo na qual ela foi classificada, tonificando a “tradição” e nossa identidade. Depois que o senso comum é definido, jogar um futebol diferente do arte, causa uma anormalidade, sendo incomum e não familiar.

Tais paradigmas ou núcleos figurativos foram aceitos tanto na sociedade quanto no meio acadêmico. No primeiro por ser uma concretização do pensamento de que a miscigenação era nosso diferencial positivo e não negativo. Já no meio acadêmico, seu consentimento é influenciado pela importância de Freyre neste setor. Assim, a congruência do elemento científico e ideológico vai definir a legitimidade de um pensamento.

A partir desse momento, conforme elucida Moscovici (2003), se torna:

fácil falar sobre tudo o que se relacione com esse paradigma e devido a essa facilidade as palavras que se referem ao paradigma são usadas mais frequentemente. Surgem, então, fórmulas e clichês que o sintetizam e imagens, que eram antes distintas, aglomeram-se ao seu redor. Não somente se fala dele, mas ele passa a ser usado, em várias situações sociais, como um meio de compreender outros e a si mesmo, de escolher e decidir. (MOSCOVICI, 2012, p.73)

Partimos do princípio que os clichês: “somos o país do futebol” e “só o brasileiro joga assim” será frequentemente abordado ao se tentar estabelecer diferenças frente a outras nações e em momentos onde o reforço de nossa identidade nacional se faz presente. Assim, a miscigenação, antes exótica e negativa, se torna familiar com o exemplo do futebol, já que o motivo de nosso suposto talento ao praticar este esporte é creditado à mestiçagem.

No decorrer da pesquisa, indicaremos a importância dos meios de comunicação na solidificação de ideologias, apontando o rádio e o jornal impresso como alicerces da alcunha “país do futebol” através das transmissões esportivas e das crônicas. Ademais vamos expor a importância da seleção brasileira e da Copa do Mundo nas ressignificações e reconstruções das representações do futebol-arte. Dessa forma procuraremos analisar como foi o tratamento dado pela imprensa ao “nosso” time quando, reconhecidamente pelos próprios meios de comunicação, a seleção brasileira jogou de acordo com o “nosso” estilo e perdeu, como em 1982, e quando ganhou, como em 1970. Também se enquadra na pesquisa os momentos em que não se pratica o “nosso” futebol e “fomos” derrotados (1990) e vencedores (1994). Teria a imprensa nacional uma “aceitação” maior quando a seleção

perde jogando um futebol de acordo com nossas supostas características, ou a intensidade no discurso após uma derrota ou conquista é sempre o mesmo?

REFERÊNCIAS

A Noite, Rio de Janeiro, 1 mai-17 jun 1938.

ALMANAQUE COPAS: de 1930 a 2006. Lance Publicações, s.d.

ARAUJO, Ricardo Benzaquen. **Chuvas de verão. “Antagonismos em equilíbrio” em Casa Grande e Senzala de Gilberto Freyre.** In: BOTELHO, André e SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). *Um enigma chamado Brasil: 29 intérpretes e um país.* São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (p.198-211)

DAMATTA, Roberto. **Brasil: futebol tetracampeão do mundo.** Pesquisa de campo, n. 1. Rio de Janeiro, UERJ, 1995, p.7.

FRANZINI, Fábio. **Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938).** Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

FREYRE, Gilberto. **Foot-ball mulato.** Diário de Pernambuco, Recife, 17 jun. 1938, p.4.

_____. **Casa Grande & Senzala.** Formação da família brasileira sob o regime patriarcal. Recife: Global Editora, 2003.

GUTERMAN, Marcos. **O futebol explica o Brasil: uma história da maior expressão popular do país.** São Paulo: Contexto, 2009.

HALL, Stuart – **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade.** Tradução: Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: DP& A Editora, 2011.

HELAL, Ronaldo. **Como os brasileiros pensam a seleção: pátria de chuteiras?** *Ciência Hoje*, v. 53, p. 16-21, 2014.

HELAL, Ronaldo. **As Novas Fronteiras do "País do Futebol".** *Rio Pesquisa (FAPERJ)*, v. 11, p. 37-40, 2010.

HELAL, Ronaldo e CABO, Alvaro. **Copas do Mundo e identidade nacional: um panorama teórico.** In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.

HOBBSAWN, Eric. e RANGER, Terence . **Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. **O descobrimento do futebol: modernismo, regionalismo e paixão esportiva em José Lins do Rego.** Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2004. v. 1.

IANNI, Octavio. **A idéia de Brasil Moderno.** *Revista Interdisciplinas de Cultura*, UNICAMP, n. 1, 1990.

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social.** Trad. Pedrinho A. Guareschi. 9 ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de C. **A nação entra em campo: futebol nos anos 30 e 40.** Tese (doutorado) – Departamento de História da PUC-SP, 1998.

ORTIZ, Renato. **Cultura brasileira e identidade nacional.** São Paulo: Brasiliense, 2012. 14ª reimpressão. 5ª edição. 2012.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Brasil: futebol e identidade nacional.** Departamento de História. Universidade Federal do Paraná. Disponível em: [HTTP://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm](http://www.efdeportes.com/efd56/futebol.htm). Acesso em: 20mar.2010

SARMENTO, Carlos Eduardo Barbosa. **A construção da nação canarinho:** uma história institucional da seleção brasileira de futebol, 1914-1970. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEVCENKO, Nicolau. **Futebol, metrópoles e desatinos.** IN Revista da USP, Dossiê Futebol (São Paulo:USP) N° 22, Jun-Ago, 1994.

SOARES, Antonio Jorge G.; BARTHOLO, Tiago L.; SALVADOR, Marco S.. **A imprensa e a memória do futebol brasileiro.** In: *Rev. Port. Cien. Desp.*, Porto, v. 7, n. 3, dez. 2007.

SOARES, Antonio Jorge Gonçalves e LOVISOLO, Hugo. **Futebol: a construção histórica do estilo nacional.** In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v.25, n.1, Campinas, Autores Associados, p.129-143 set. de 2003.

SODRÉ, Muniz. **A narração do fato:** notas para uma teoria do acontecimento. Petrópolis: Vozes, 2009.

SOUZA, Denaldo Alchorne. **O Brasil entra em campo!** Construções e reconstruções da identidade nacional (1930-1947). São Paulo: Anablume, 2008.

PEREIRA, Camila Augusta e LOVISOLO, Hugo. **1938: o nascimento mítico do futebol-arte brasileiro.** In: HELAL, Ronaldo; CABO, Álvaro (Orgs.). *Copas do Mundo: comunicação e identidade cultural no país do futebol.* Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014.